

PROJETO BEM VINDO: REFLEXÕES PARA ALÉM DA OCUPAÇÃO DO TEMPO EM UMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Luciana Mara Espíndola Santos

PMF/SME/CJMP luciana_espin@hotmail.com

Resumo: *O presente estudo versa sobre a questão do trabalho docente na educação infantil, refletindo de modo mais atencioso as instituições públicas de Florianópolis. A intenção é propor uma reflexão sobre como algumas práticas instituídas ao longo dos anos, ainda insistem em permanecer nas creches, andando na contramão do que preconizam os documentos norteadores da educação infantil, tanto na esfera federal, quanto municipal. Tais práticas observadas possuem íntima relação com a constituição da profissionalização docente no âmbito da educação infantil, ou seja, um fator histórico evidente, bem como as ambiguidades e contradições no que concerne o exercício da docência por dois profissionais que atuam em conjunto nas creches públicas, quais sejam: professores e auxiliares de sala. Propõe, de forma objetiva, uma metodologia que possa auxiliar na constituição do trabalho pedagógico, contrapondo-se ferrenhamente, a mera ocupação do tempo das crianças, no momento em que se encontram nas instituições destinadas a elas chegando a passar até 12 horas por dia. A proposta evidenciada através do Projeto Bem vindo, permite também que haja uma maior interlocução entre o trabalho docente de professores e auxiliares de sala e sobretudo, que esta atuação possa ser mais uma garantia de uma prática pedagógica consciente e que alavanque e propulsione uma educação de compromisso e qualidade, tão almejada e discutida pela sociedade.*

Palavras-Chave: *Educação infantil, crianças, professores, professores auxiliares de sala.*

1 INTRODUÇÃO

A educação infantil tem buscado incessantemente através de pesquisas, projetos e constantes estudos, aprimorar e qualificar cada vez mais seu atendimento a crianças de pouca idade¹⁴. Tal esforço tem sido reconhecido e hoje temos importantes documentos que orientam as práticas pedagógicas nas instituições. Documentos em nível nacional, que evidenciam o caráter de formação das creches, rompendo de vez com as perspectivas de escolarização e assistencialismo, que ainda nos rondam, provando que a educação infantil tem sua especificidade, sua orientação e organização que vão muito além das práticas domésticas, de puro cuidado e de preparação para as fases seguintes da vida.

A rede municipal de ensino de Florianópolis é vitrine e tem sido pesquisada e referenciada por muitos profissionais, dada sua preocupação constante e ações que buscam por em prática o que a academia e os documentos norteadores da educação infantil vem ao longo dos anos apresentando.

A proposta deste artigo é dar visibilidade a um projeto que acontece em uma creche municipal, que aproxima a teoria da prática, qualificando ainda mais o trabalho nas creches e mostrando que é possível sim (sem deixar de reconhecer os desafios que ainda

¹⁴ O termo crianças de pouca idade e crianças pequenas, remete a educação infantil e compreende crianças em idade de 0 a 5 anos.

precisam ser superados) exercer com muita competência e saber, a docência na educação infantil.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo, ou seja, que trabalha com dados relativos à atualidade e mais especificamente, analisando o Projeto Bem vindo, que acontece desde 2006, na Creche Joaquina Maria Peres. Para análise dos dados deste estudo, iniciado em Setembro de 2011, optou-se por primeiro examinar os registros escritos e fotográficos do Projeto Bem vindo desde sua implantação, realizou-se também observações e registros diários sobre o referido projeto nos meses de Setembro de 2011 à Abril de 2012 e posteriormente, fez-se a análise de ambos os dados, buscando um diálogo entre empiria e teoria. Teoria esta que se sustenta em pesquisas de graduação e pós-graduação, realizadas na referida unidade educativa, bem como os próprios documentos norteadores da educação infantil, em âmbito federal e municipal. Cabe ressaltar que todos os envolvidos desta pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo a pesquisa aprovada pelo Conselho Deliberativo de Escola da Creche Joaquina Maria Peres, órgão máximo da referida instituição.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Creche Joaquina Maria Peres, CJMP, está localizada no bairro Itacorubi, uma zona residencial, mas que está bem próxima a duas grandes universidades (UFSC e UDESC). Atualmente o atendimento é feito a 130 crianças que em sua maioria residem no próprio bairro, mais especificamente, na comunidade Morro do Quilombo, um lugar com pouca infraestrutura, devido à ocupação desordenada de muitas famílias que ali se estabelecem em condições de vida por vezes desumanas. No entanto, é preciso relatar que a comunidade vem se estruturando e demonstrando força política no bairro.

Os grupos que atendemos são determinados pela faixa etária, e possuem uma sala como referência. Esta organização acontece desde a fundação da instituição em 1987 e nunca foi modificada. É sabido que as propostas e estudos apresentam outras organizações como: por temas; lista de atividades, etc., no entanto, existe a necessidade

de mais estudos e discussões para que se implemente uma organização diferente da que existe hoje.

Tal organização não inibe a participação e a interação dos pequenos em atividades ou momentos com crianças de outros grupos, são canalizados esforços para que elas possam cada vez mais misturar-se com seus pares aos diferentes espaços da unidade. Essa prática de favorecer a interação, através de ações com vistas a ampliar as relações sociais e culturais, já estavam bem marcadas na unidade e aconteciam sempre nos momentos em que o professor referência estava na creche, ou seja, das 8h às 12h e das 13h às 17h¹⁵.

Então, ao observar que a chegada das crianças iniciava-se às 7h e a saída às 19h, sendo que o atendimento é de regime integral, os profissionais da unidade estavam, planejando, organizando e promovendo ações pedagógicas, somente nos horários em que a professora referência fazia-se presente. O **currículo em ação**¹⁶ estava posto de modo mais visível em três períodos durante o dia: das 7 às 8; das 12 às 13; e das 17 às 19, carregado de práticas domésticas e assistencialistas, com frágil relação teórica e pouquíssima assistência pedagógica.

É importante ressaltar que os profissionais que neste período ficam sozinhos com as crianças têm além da experiência prática, domínio teórico e condições intelectuais semelhantes a do professor referência, porém havia certa ingenuidade por parte da própria unidade educativa, em relação a incluir esse profissional em outras atividades planejadas e projetos. Inegável também o fato de que alguns desses profissionais, devido à própria carga histórica, se viam na educação muito mais como cuidadores do que professores. Foi observando esses movimentos que a Professora Isabela Jane Steininger¹⁷, docente na Prefeitura Municipal de Florianópolis, e conhecedora da realidade da Creche Joaquina Maria Peres, optou por realizar sua pesquisa de conclusão de curso

¹⁵ No horário das 7h às 8h; das 12h às 13h; e das 17h às 19h, as crianças ficam sob responsabilidade de um profissional chamado auxiliar de sala, que neste período fica sozinho com as crianças. Nos demais horários, tal profissional atua em parceria com o professor referência, que tem condições de trabalho, salário e status superior ao auxiliar de sala, embora a formação acadêmica de ambos seja igual.

¹⁶ Segundo Corinta Geraldi, o "conceito/noção" de currículo em ação refere-se ao "conjunto das aprendizagens vivenciadas pelos alunos, planejadas ou não pela escola dentro ou fora da aula e da escola, mas sob a responsabilidade desta, ao longo de sua trajetória escolar" (1994:117). Ou seja, "aquilo que ocorre, de fato, nas situações típicas e contraditórias vividas pelas escolas, com suas implicações e compreensões subjacentes não o que era desejável que ocorresse e/ou o que era institucionalmente prescrito" (idem). GERALDI, 1994, p.117

¹⁷ Isabela Jane Steininger é assessora da Diretoria de Educação Infantil, e em 2005, realizou sua pesquisa de Especialização, na CJMP, onde havia atuado como professora. Sua escolha em realizar a pesquisa na referida unidade deu-se por dois motivos; facilidade de acesso e horário de atendimento. Ver STEININGER, 2006.

de espacialização, que trazia como temática, os momentos de recepção das crianças a unidade, na referida creche.

A pesquisadora, em suas observações, percebeu algumas lacunas existentes nesses momentos de acolhida¹⁸, ou seja, na chegada das crianças a unidade, revelando que a recepção aos pequenos era realizada sem um planejamento prévio, num espaço com pouca organização e privilegiando as atividades “limpas”, como: jogos de tabuleiro, memória, fantoche, jogos de encaixe. Tais atividades não necessitavam de limpeza do local e nem higiene das crianças, que após manipular esses elementos estariam prontas para outras atividades, sem necessitar lavar as mãos ou trocar de roupa. (STEININGER, 2006)

A conclusão de sua pesquisa, Steininger, 2006, ajudou o grupo de profissionais da creche a enxergar às fragilidades na recepção das crianças e famílias a unidade, provocando uma mudança necessária e urgente. Planejar esse momento e dar a ele a mesma importância que as demais atividades cotidianas, era condição *sine qua non*, para que o ambiente revelasse acuidade e compreensão acerca do trabalho com crianças de pouca idade.

E foi um movimento de estudo, tensão, resistência, principalmente daqueles que ingenuamente diziam não ter esse papel. E nas falas do cotidiano, era comum se escutar: “Planejar, pensar, estudar, promover ações é papel do professor referência e não do professor auxiliar de sala”. Mas professor auxiliar de sala não é então professor? O que deve fazer o professor auxiliar quando encontra-se sozinho com as crianças? Práticas domésticas? A formação desse profissional não lhes dá subsídio para a atuação docente?

No vai e vem dessas discussões, avanços e retrocessos fizeram parte deste processo, num movimento de constante diálogo e conflito. Começam então a aparecer as primeiras ideias, os primeiros passos para um projeto que mudaria conceitos e, sobretudo a “cara” da Creche Joaquina. Nasce o Projeto Bem vindo. Contudo, para dar consistência e força a esse projeto, era preciso articulá-lo ao documento que é o eixo norteador da unidade, o PPP¹⁹, pois esta seria a melhor forma de garantir que mesmo havendo

¹⁸ Utilizamos dos estudos de Isabela Steininger, por entender que este foi o grande propulsor de uma reflexão sobre o trabalho realizados pelas professoras auxiliares de sala, no momento em que se encontram sem a parceria do professor referência e supervisor educacional, no primeiro horário da manhã.

¹⁹ PPP, Projeto Político Pedagógico, documento direcionador do trabalho educativo de uma unidade escolar.

mudanças no quadro funcional ou na equipe gestora ou qualquer outra variação, o projeto não naufragaria. Articulá-lo ao PPP, garantiria seu planejamento sistematizado, sua avaliação, supervisão e a interlocução com os demais projetos da unidade, uma vez que, como afirma Veiga (2002),

“... o PPP vai além de um simples agrupamento de planos de ensino ou atividades diversas. O projeto não é algo que é construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova de cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola”. (VEIGA, 2002, 39)

Pôs-se como condição fundamental, que a elaboração do projeto estivesse vinculada ao PPP, num intuito de torná-lo mais forte e capaz de suportar os enigmas que uma nova situação traz. Para dar conta de superar as dificuldades apontadas pela pesquisadora Steininger e receber as crianças e seus familiares com compromisso, ética e respeito, o primeiro passo foi reconhecer os apontamentos do trabalho, para em seguida estudar quais as formas de atuação que ajudaria a superar tais obstáculos. Foi necessário também procurar em outras unidades educativas práticas exitosas neste sentido, que pudessem servir de base para que o projeto ganhasse cor e vida.

E com os objetivos de: “Promover a integração entre a creche-família e crianças, com a melhoria da qualidade do trabalho pedagógico e proporcionando uma acolhida na Unidade, de forma mais prazerosa e segura”, bem como: “possibilitar novas relações e interações entre creche, família e crianças [...]”, (PPP, 2012, p. 39), o projeto foi saindo do papel e tornando-se realidade. Obviamente alguns acertos antes de iniciar o projeto foram necessários, como: elaborar um cronograma de reuniões para avaliar o projeto e discutir suas ações; planejamento das atividades a ser executadas; ações a ser realizadas no caso de falha no planejamento; ou outra situação qualquer. Participaram dessa etapa os professores auxiliares de sala, a supervisora escolar da unidade, bem como a diretora, juntamente com a pesquisadora, que de uma forma bastante respeitosa, preocupou-se, sobretudo, em auxiliar o grupo para que, a partir de suas observações pudessem realmente respeitar a criança, a luz do que os documentos norteadores da infância apresentam.

No momento em que o projeto iniciou, havia na unidade 7 grupos, atendendo aproximadamente 140 crianças. Determinou-se então que todos os grupos participariam do projeto Bem vindo, exceto os grupos de berçário (crianças de 4 meses a 2 anos

incompletos), já que o corpo docente entendeu que os bebês necessitavam ser acolhidos em suas salas de referência, com seus professores auxiliares, devido às particularidades do atendimento a esses pequenos. Os demais grupos estruturavam-se para receber crianças e familiares, numa proposta inovadora para a unidade e de promoção à integração das crianças, proporcionando contato com maior número de profissionais e crianças de diferentes idades.

Assim uma das ações relacionava-se com a organização espacial, que precisavam entrar consonância com os documentos norteadores da unidade, pois de acordo com Steininger (2006), o ambiente não encontrava-se organizado, nem atrativo pelas crianças, uma vez que: [...] os móveis e demais objetos se encontravam daquela forma, cadeiras por sobre as mesas, almofadas embrulhadas em tapete e estas em cima das cadeiras [...], a pesquisadora também se atem ao fato da delimitação do espaço para a brincadeira, demarcado com tapetes ou mesas, significando de certa forma, um controle sobre os corpos que ali se põem. Agostinho (2005), atribui importância fundamental sobre o espaço e o modo como os adultos o organizam, afirmando o espaço ser o “outro professor”.

“Os adultos tem a responsabilidade de disponibilizarem, equiparem, organizarem e planejarem a utilização dos espaços da instituição. A organização de espaços diversos e plurais rompe com a lógica do uniforme, igual, oportuniza vivências heterogêneas para o grupo de crianças, distanciando-se de uma perspectiva homogeneizada que prevê que todos façam a mesma coisa no mesmo tempo, rompendo assim com práticas adultocêntricas, e com modelos escolares; respeita ritmos e escolhas pessoais, enriquecendo as práticas da educação infantil com atividades significativas e prazerosas para crianças e adultos.” (AGOSTINHO, 2005, p. 83).

Após algumas discussões, o momento da acolhida ficou assim determinado: dos sete professores auxiliares do período matutino, cinco professores que participavam do projeto (os grupos de berçário eram recebidos nas suas salas de referência) dividiam-se de modo que, enquanto um grupo recebia as crianças e realizava com elas as atividades planejadas, o outro grupo responsabilizava-se pela organização das salas, arrumando os móveis, preparando os cantinhos, abrindo janelas. Havia um rodízio entre esses cinco professores e assim que o grupo da arrumação das salas finalizasse a organização, deveria juntar-se ao grupo de recepção no hall da unidade, onde as atividades eram realizadas.

Não foi fácil essa organização, que causou estranheza nas famílias, pois de início sentiam-se perdidas e inseguras ao deixar seus filhos num ambiente grande, com crianças de diferentes idades, e com professores que apesar de conhecidos não eram o de referência. Não foi fácil, pois o grupo teria que aprender sobre todas as crianças e não mais 15 ou 25, como de costume. Aprender o nome, as preferências, as angústias, aprender a ler seus movimentos, suas expressões, aprender sobre sua família e, sobretudo aprender a ideia de que não existem “minhas crianças” e sim “nossas crianças”. Não foi fácil organizar o trabalho nos dias que a falta de profissionais batia a porta. No entanto, foi prazeroso perceber que a educação infantil de qualidade de que tanto se fala atualmente é essa. Que precisa se colocar a serviço das crianças e da infância, da infância de possibilidades, de curiosidades, de descobertas, de relações, de mitos, crenças, de amor, respeito, de crescimento e amadurecimento, sobretudo amadurecimento profissional.

E em meio a crises e dificuldade, percebeu-se que este projeto, conseguia na prática evidenciar sua verdadeira essência, qual seja proporcionar de forma lúdica e envolvente que as crianças que chegassem à unidade fossem construindo laços afetivos, relações, interações com todos, sejam coetâneos, adultos ou outras crianças, e dessa forma fossem também criando relação de pertencimento aos espaços, sentindo-se cada vez mais autônomas, capazes e dispostas a no ambiente da creche descobrir-se a si mesma, aos outros e ao mundo, num constante diálogo através da brincadeira. Os adultos por sua vez também realizavam suas descobertas, percebendo que esse momento de acolhida era cheio de pistas e ideias que revelavam os interesses dos pequenos, seus medos, fragilidades e desejos, servindo de base/auxílio para a construção de projetos/ações e atividades em outros momentos.

As crianças à medida que iam chegando à creche eram convidadas e motivadas a participar das diversas atividades propostas, que eram planejadas previamente. Essa dinâmica permitia que houvesse além de uma maior interação entre os pares, uma convivência mais ampliada com outros profissionais e professores, de modo que crianças e familiares aprendiam a conviver com o outro, sentindo-se seguras e pertencidas aquele ambiente no seu todo e não somente no que era a tradicional referência (adulto e espaços).

A organização desse momento evidencia que todos os profissionais (sejam professores ou professores auxiliares de sala) são responsáveis por todos, ou seja, embora a criança tenha um grupo referência, todos os professores da instituição são

responsáveis por todas as crianças da unidade. Isso tem facilitado desde o processo de inserção das crianças novas e também após o período de férias escolares, bem como tem melhorado a comunicação entre famílias e creche e creche e famílias.

O grupo de professores auxiliares reúne-se mensalmente, em conjunto com a equipe diretiva para avaliação do mês e também planejar e delinear as ações para o período seguinte, levando em conta os direcionamentos do PPP e os planejamentos coletivos. As reuniões pedagógicas e com as famílias se configuram em espaços de discussões acerca desta atividade, sendo extremamente necessárias e imprescindíveis para a continuidade do projeto e para que ele não se perca nos obstáculos que se apresentam cotidianamente. O grupo precisa ter maturidade e consciência de que num projeto coletivo, todos dependem do trabalho de um, então pensar que o trabalho de um não influencia o outro, é um equívoco. O Bem vindo por vezes encontra dificuldades, principalmente pelo nível de envolvimento dos professores e compromisso. As estratégias são as periódicas reuniões e as constantes revisões aos documentos norteadores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na CJMP o projeto esta no seu sexto ano e pode-se afirmar que ele está a todo vapor, inclusive agora existe a figura de uma coordenadora (professora auxiliar), que sistematiza, organiza e motiva o grupo, além de ficar responsável por publicizar às ações partidas deste projeto. Ousado? Não. Diria necessário, pois se realmente há um desejo e esforços no sentido de busca de uma educação de qualidade e comprometida com os documentos que orientam nossa prática, ações desse tipo fazem parte da rotina dos professores da educação infantil. Ações que estão acima de enquadramento funcional, da questão salarial e carga horária, pois são ações que competem a quem atua na educação, seja como professores de educação física, professores da educação infantil, professores auxiliares de sala, pois todos são professores de crianças.

Percebe-se a necessidade de ampliar essa prática para os demais momentos em que o professor auxiliar assume o grupo, e os estudos a esse respeito são constantes. É forte a intenção de que tão breve, consiga-se ampliar esse direcionamento, buscando qualificar todo o tempo em que as crianças se encontram na creche.

REFERÊNCIAS

GERALDI, Corinta M. G. Currículo em Ação: buscando a compreensão do cotidiano da escola básica. In: *Pró-Posições*, Vol. 5, nº 3 [15], Nov/1994, p. 111-132.

BRASIL. Ministério da Educação. Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças, Brasília, DF MEC/SEF/COEDI, 2009.

FANTIN, M. No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na Educação infantil. Florianópolis, Cidade Futura, 2000.

FLORIANÓPOLIS, PMF. SME. Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil. 2010.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Creche Joaquina Maria Peres/ Secretaria Municipal de Educação/ Prefeitura Municipal de Florianópolis. Florianópolis, 2012

AGOSTINHO, Kátia Adair. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Educação. O espaço da creche : que lugar é este?. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

VEIGA, I. P. A. Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, I. P. A. Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível. São Paulo, Papirus, 2002.

SANTOS, L. M. E. Educação Física: perspectivas teórico-metodológicas para a educação emancipatória na primeira infância. Florianópolis, SC, 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

STEININGER, I. J. Quando tudo começa: o momento da acolhida das crianças na creche. Monografia de Especialização. Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.